

## CIDADÃOS DO MUNDO: UMA DISCUSSÃO SOBRE O NACIONAL E O INTERNACIONAL NO ESPERANTO

Guilherme Moreira Fians\*

**Cite este artigo:** FIANS, Guilherme Moreira. Cidadãos do Mundo: uma discussão sobre o nacional e o internacional no Esperanto. **Revista Habitus:** revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 50 - 63, agosto. 2012. Semestral. Disponível em: <[www.habitus.ifcs.ufrj.br](http://www.habitus.ifcs.ufrj.br)>. Acesso em: 02 de agosto de 2012.

**Resumo:** O presente trabalho tem por intenção identificar e discutir os elementos nacionalistas e universalistas presentes no discurso e na prática do Esperanto. Para isso, tomamos como ponto de partida uma descrição do Esperanto, em seus principais aspectos: enquanto idioma internacional, filosofia e cultura. A partir daí, mostrarmos que, em muitos casos, seu caráter internacional toma por base argumentos similares aos de movimentos nacionalistas, além de mesclar ideais humanistas com outros típicos do atual relativismo cultural. É a partir desses discursos, aparentemente conflitantes, que o Esperanto busca se afirmar como língua internacional auxiliar, seguindo a concepção de que seus falantes são *cidadãos do mundo*.

**Palavras-chave:** Esperanto; Nacionalismo; Universalismo; Identidade; Língua planejada.

*Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência.*

Gilles Deleuze e Félix Guattari. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, 1995

**H**á muito se debate a imposição de alguns idiomas como instrumentos de comunicação internacional [1]. Na atualidade, em um contexto de globalização e após a descolonização de grande parte dos países da América, Ásia e África, a comunicação internacional se torna cada vez mais necessária, ao mesmo tempo em que a aversão de muitos povos a aprenderem línguas estrangeiras também cresce.

Já existiram diversas propostas voltadas a pensar uma solução lingüística que possibilite uma comunicação eficiente e pacífica entre as nações (SARTORATO, 2008). Uma delas seria o renascimento de uma *língua morta* [2] e sua promoção ao nível de uma língua internacional: a principal ideia nesse sentido era reativar o Latim que, como já teve grande abrangência por determinado período no passado, poderia voltar a exercer esse papel. No entanto, isso esbarraria em uma série de dificuldades, como o fato de que esse idioma possui uma gramática complexa, permeada por irregularidades, e com um vocabulário desatualizado, cuja modernização exigiria quase que a reescrita dos fundamentos da língua.

Uma segunda alternativa seria estabelecer um idioma nacional como língua internacional. Em certa medida, o inglês já exerce essa função, e seria o candidato mais provável para promover a comunicação internacional. No entanto, como já citado, a ideia da universalização de um idioma nacional recebe grande oposição de muitas culturas nacionais e, além disso, todos aqueles que não têm esse idioma como língua nativa deveriam se submeter a ele em detrimento de suas próprias línguas. Ou seja, os falantes desse idioma seriam amplamente beneficiados - o que, em certa medida, já ocorre - e muitos povos se apresentariam como contrários a utilizá-lo como instrumento de comunicação.

Outra proposta seria a criação de uma língua planejada que viesse a se tornar internacional. Nesse caso, qualquer língua planejada escolhida para essa função demandaria tempo até formar seus primeiros falantes, o que dificultaria a sua difusão, na medida em que ela não seria um idioma vigente em nenhum grupo ou país. Pelo mesmo motivo, no entanto, sua aplicabilidade não se depararia com tantos problemas quanto a aversão a seu aprendizado, já que uma língua planejada se pretende também neutra e, supostamente, não representa nenhuma nacionalidade. Outro facilitador de sua difusão seria o fato de que, por ser planejada, conta com uma gramática simples e regular, de fácil aprendizado.

No âmbito dessa terceira alternativa de possibilitar um instrumento de comunicação universal, foram criados diversos idiomas planejados, sendo que a maioria absoluta não sobreviveu após a morte de seus autores, e outros, embora ainda existam, contabilizam uma quantidade muito reduzida de falantes. Alguns desses idiomas foram, por exemplo, Volapük, Esperanto, Ido, Occidental e Interlingua [3]. Para Donald Harlow (1995, 2006), essas são *The Big Five*, as cinco principais línguas já criadas de forma artificial, sendo que, dentre elas, o Esperanto foi a que alcançou maior projeção e difusão pelo mundo.

Desde sua criação, a principal crítica feita ao Esperanto - assim como a todas as línguas planejadas que se pretendem universais - é quanto a sua suposta desvinculação de qualquer cultura. A maioria dos que a criticam por esse motivo o fazem alegando que uma língua criada em laboratório, “sem cultura e sem história”, não pode sustentar sua existência. No Brasil, uma crítica nesse sentido foi feita pelo jornalista e escritor Carlos Heitor Cony, ao comentar na Rádio CBN sobre o ensino de línguas estrangeiras na escola pública: “A solução é uma língua única, não o Esperanto, uma língua biônica, fabricada em laboratório”.

Com base nessa questão, o presente trabalho se propõe a tratar dos elementos *extralinguísticos* que se apresentam atrelados ao Esperanto. Afinal, como um idioma criado artificialmente pode ter ligação com algum tipo de manifestação cultural? Além disso, como a existência desses elementos *extralinguísticos* se relaciona com a suposta neutralidade da língua? Partimos da hipótese de que, além do próprio idioma já ser um elemento cultural por si só, ele também pode receber constantes acréscimos da cultura de seus falantes, e isso recria constantemente a língua - e é o que parece ocorrer com o Esperanto.

Além disso, buscamos observar ainda a forma como essa questão cultural do idioma interage com as demandas da contemporaneidade e busca atendê-las, a fim de se estabelecer solidamente enquanto língua internacional auxiliar.

## 1. Metodologia e o Estado da Arte

Para essa análise, nos utilizamos de um levantamento de informações relativas ao Esperanto produzidas tanto dentro do movimento esperantista quanto fora dele. Pesquisas em campo realizadas com estudantes de Esperanto na cidade do Rio de Janeiro nos ajudaram a compreender as categorias usadas pelos falantes do idioma, além de nos permitir um contato com os aspectos emocionais e as representações que eles estabelecem acerca da língua e de seus ideais. Consultamos ainda mídias divulgadoras e documentos oficiais do Esperanto, publicados em sua maioria em sites e revistas/periódicos. Há também obras relacionadas à história do Esperanto no Brasil e no mundo, sendo a maior parte desses registros realizada por membros do próprio meio esperantista.

No Brasil, não é comum a realização de pesquisas acadêmicas acerca do Esperanto, e as poucas existentes estão situadas principalmente na área de Letras e Linguística. Portanto, nosso principal embasamento teórico sobre o idioma consiste, tanto direta quanto indiretamente, em visões estrangeiras - principalmente européias e norte-americanas -, com obras de autores como Nikola Rašić, Roman Dobrzyński, Donald Harlow, Ian Richmond e análises dos preceitos de Lazar Ludwig Zamenhof.

Cabe-nos também considerar e questionar não só os próprios ideais vigentes no Esperanto como também o fato de que as principais teorias e visões fundadoras do Esperanto - em seus aspectos linguísticos, filosóficos e culturais - foram produzidas no contexto dos países europeus. Tomando por base o viés sociocultural, analisamos a possibilidade de vigência desses ideais em outras regiões que não estejam completamente vinculadas a essa percepção européia de mundo.

Para tratar dos elementos de caráter predominantemente ocidental presentes no idioma e no movimento esperantista, nos utilizamos de discussões relacionadas a nacionalismo, essencialismo, universalismo e relativismo, temas esses amplamente discutidos na atualidade ao se falar em questões que vão do pós-colonialismo à formação - ou dissolução - de blocos econômicos. Tomamos ainda por base as visões do chamado *pós-estruturalismo*, por meio de autores como Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari.

## 2. Um pouco da história e da organização do Esperanto

Os fundamentos do Esperanto foram criados por Lazar Ludwig Zamenhof (1859-1917), filho de judeus, nascido na cidade de Bialystok, atualmente na Polônia. Nessa época, essa região estava anexada ao Império Russo, que, ao empregar a estratégia de “dividir para dominar”,

estimulava choques raciais, religiosos e nacionais entre os grupos que viviam em solo polonês - sendo os principais deles: poloneses, lituanos, alemães, judeus e russos (HARLOW, 1995).

Nascido e criado nesse contexto, Zamenhof pensava em estabelecer uma língua por meio da qual as pessoas da sua região pudessem se entender. Depois de cursar a faculdade de Medicina e aprender diversas línguas, ele lança um livro com os fundamentos do Esperanto, sendo esse idioma formado a partir de elementos de várias línguas nacionais, como é demonstrado em sua descrição na versão em português do *site* da *Universala Esperanto-Asocio* (UEA):

Seu léxico provém principalmente das línguas da Europa Ocidental, enquanto sua sintaxe e morfologia mostram fortes influências eslavas. Os morfemas do Esperanto são invariáveis e quase infinitamente combináveis em palavras diferentes, de modo que a língua também tem muito em comum com línguas isoladas como o chinês, enquanto sua estrutura vocabular apresenta semelhanças com línguas aglutinantes como o turco, o swahili e o japonês.

Zamenhof se preocupou ainda em lançar apenas um vocabulário reduzido, para possibilitar que a língua se desenvolvesse de forma a ser uma construção coletiva. Sua sonoridade foi aproximada do italiano, que, na época, era a língua considerada mais apropriada para o canto, o que demonstra a preocupação de seu criador em difundir o idioma também por meio da música (SARTORATO, 2008).

A língua alcançou alguma projeção ainda durante a vida de seu criador: em 1905, é organizado o primeiro Congresso Mundial de Esperanto, na França. Nessa época, as principais obras da literatura européia já haviam sido traduzidas para o Esperanto [4]. Em vários locais da Europa, estavam sendo criadas associações esperantistas, reunindo os falantes do idioma, e começava a se organizar o *Lingva Komitato*, um comitê lingüístico para responder a dúvidas sobre a língua e pensar em aprimoramentos para a mesma (ZAMENHOF, 1929).

Atualmente, o Esperanto conta com algumas organizações internacionais que coordenam oficialmente o ensino e a divulgação do idioma e do ideal esperantista, além de preservar os fundamentos da língua. Sediada na Holanda, há a *Universala Esperanto-Asocio* (UEA, Associação Mundial de Esperanto) e a *Tutmonda Esperantista Junulara Organizo* (TEJO, Organização Internacional da Juventude Esperantista) [5]; na Itália, a *Akademio de Esperanto* (Academia de Esperanto, que ocupou o lugar do *Lingva Komitato*) e, na Alemanha, a *Internacia Sciencia Asocio Esperantista* (ISAE, Associação Esperantista Científica Internacional, responsável por publicar conhecimentos científicos neste idioma). Além das funções já citadas, a UEA e a TEJO se responsabilizam ainda por promover congressos, lançar periódicos e representar o Esperanto diante de organismos internacionais (ONU, UNESCO, OEA, etc.).

Além das organizações que o representam, o movimento esperantista possui também um hino oficial (chamado *La Espero*, ou A Esperança), uma cor (o verde, por simbolizar a

esperança) e alguns símbolos, sendo os oficiais a Estrela Verde (Fig. 1) e o Símbolo do Jubileu (Fig. 2), que inclusive estão presentes nas duas versões da bandeira do Esperanto. Além disso, a própria imagem de Lazar Ludwig Zamenhof (Fig. 3), criador dos fundamentos e dos ideais do idioma, também é constantemente apresentada como um dos símbolos do movimento.

Em relação à questão cultural no Esperanto, a TEJO reconhece, em seu site, a função de defender a diversidade: “A organização defende a riqueza cultural da diversidade lingüística, os direitos humanos das minorias lingüísticas e a compreensão universal por meio do fácil acesso a contatos internacionais. O uso do Esperanto é o espaço no qual se dão nossos esforços” [6].

Motivada pela defesa do homem e da diversidade, a UNESCO reconheceu afinidades de objetivos e de ideais com o Esperanto, e passou a estabelecer relações oficiais de cooperação com a UEA. Chegou ainda a estimular seu uso como língua de paz entre árabes e judeus, o que se deu com algum sucesso (MODAN, 2010). Isso pode ser encarado como uma demonstração de que o Esperanto, além de ser uma língua, também carrega atrelado a si um ideal que, ao ser levado em consideração por muitos de seus falantes, se manifesta também filosófica e culturalmente.

### 3. O Esperanto além do idioma

Embora sendo primordialmente uma língua planejada com pretensões de se afirmar como língua internacional (*la internacia lingvo*), o Esperanto comporta também visões de mundo e concepções filosóficas, que orientam a forma como esse idioma vai lidar com a diversidade cultural e identitária dos povos.

Zamenhof, nascido em 1859, viveu na época que simbolizou o auge do cientificismo, e foi fortemente influenciado pelas ideias de Charles Darwin e de Auguste Comte. Por conta disso, o Esperanto foi criado também atrelado a um grande projeto filosófico de caráter humanista, baseado nos princípios epistemológicos vigentes na Europa no final do século XIX (SANTOS, 2010). Por isso, as concepções de progresso, evolucionismo cultural, neutralidade, fraternidade e igualdade estão presentes na filosofia - também criada por Zamenhof - vinculada ao Esperanto: o Homaranismo.

Segundo essa filosofia, o *homarano* - a pessoa que segue esses ideais - deve se considerar como um *cidadão do mundo*, como alguém que não precisa se limitar a uma identidade nacional, que pode transcender fronteiras, que não precisa se afirmar como pertencente a uma religião ou a um grupo político ou étnico. O Homaranismo, dentro dos princípios humanistas da época, defende que cada indivíduo seja visto a partir de seus atos e de seu valor como pessoa (ZAMENHOF, 1913). Assim, o indivíduo estaria acima de qualquer obrigação de pertencer a uma religião, língua, classe social ou povo.

A divisão da humanidade em povos provoca inimizades e rivalidades e impede o progresso. O desaparecimento dessas fragmentações permitiria que toda a humanidade encarasse cada indivíduo como membro de uma única família (ZAMENHOF, 1906).

Esses preceitos filosóficos que acompanham o Esperanto - mas que não estão obrigatoriamente ligados a ele [7] - tanto os do Hilelismo [8] quanto os do Homaranismo, incluem ainda a defesa de uma religião monoteísta (o monoteísmo, para Zamenhof, seria um elemento de progresso da humanidade) e de direitos humanos e liberdades individuais. Dentro dessa visão, o Esperanto não seria um objetivo, mas sim um meio para estimular uma maior comunicação e compreensão entre os povos.

Zamenhof acreditava que, com a criação do Esperanto, estaria colaborando para o progresso da humanidade e para a concretização do Homaranismo. No entanto, ao defender esse idioma como língua universal, ele não pretendia impô-lo nem sobrepô-lo às particularidades culturais de cada povo. Assim, embora defendendo o fim da categoria *povo* (1913) e a união dos seres humanos, ele não poderia desconsiderar a existência desses povos, e tinha que articular seu ideal universalista com a realidade fragmentada.

Em 1996, no 81º Congresso Mundial de Esperanto, foi tornado público o Manifesto de Praga, que consiste em uma *superação conservante* dos princípios do Homaranismo. O documento reafirma a atuação do Esperanto na defesa das seguintes causas: democracia, educação transnacional, eficácia pedagógica, diversidade, pluralismo e direitos lingüísticos e a emancipação humana.

#### 4. O ideal e a prática do Esperanto na atualidade

Como mostrado anteriormente, enquanto fruto das concepções epistemológicas vigentes no século XIX, a filosofia atrelada ao idioma tem características modernas, manifestas por meio de seu viés humanista e progressista, por exemplo. Em contraposição, a maneira como o Esperanto lida com a cultura intercala elementos dessa filosofia com pontos de vista mais próximos da contemporaneidade.

Embora muitas vezes visto como exótico, o Esperanto busca passar a imagem de algo próximo das diferentes realidades: ao se identificarem com o idioma e com a ideia de uma língua internacional auxiliar, as populações deixariam de vê-lo como uma *alteridade radical* (PEIRANO, 2000), e mais pessoas se disponibilizariam a estudá-lo, a partir de uma certa identificação com ele.

Em busca de gerar essa identificação com o Esperanto e promovê-lo como algo próximo à realidade dos povos, o movimento esperantista procurou aproximá-lo das culturas locais e, a partir disso, criar uma própria cultura esperantista. Essa medida seria também uma resposta àqueles que dirigem críticas à ideia de uma língua universal, sob o argumento de que um idioma não pode existir sem estar atrelado a uma cultura e a uma história.

O Esperanto considera constantemente a ideia de que a língua que falamos influencia muito e possibilita múltiplas recriações de nossa experiência de vida. Por isso, ao falarmos a língua inglesa, por exemplo, temos um contato muito maior com as concepções de mundo, gostos, manifestações artísticas e com o pensamento do mundo anglófono em geral. A arte e a cultura veiculam visões de mundo, são veiculadas por essas visões, e a língua é uma maneira de possibilitar essa transmissão.

A partir dessa percepção, como já dito, Zamenhof pensou a língua de modo que ela tivesse uma sonoridade adequada ao canto: ele pensava na música como um meio de difusão do Esperanto. Na atualidade, essa relação entre manifestações artísticas e culturais e o Esperanto se fortalece, na medida em que já há uma considerável produção de música, literatura, peças de teatro e filmes nesse idioma [9].

É nesse relacionamento do Esperanto com as manifestações culturais nacionais que ele se apresenta enquanto um *agenciamento*: uma multiplicidade, inatribuível, fruto da criação de múltiplos sujeitos (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Nesse sentido cultural, ele não busca se atrelar a uma identidade fixa, e permite sua constante desconstrução e reconstrução a partir dos *rastros* das culturais nacionais que associam seus elementos a ele.

Como exemplo, no aspecto musical, percebemos uma quantidade cada vez maior de músicas de diversos estilos que têm suas letras originais sendo traduzidas para o Esperanto ou compostas originalmente nessa língua. Gêneros como bossa nova, hip hop, rock, canções folclóricas e populares, cantos para coral e ópera e alguns estilos de música oriental já foram reapropriados por artistas esperantistas e transpostos como parte dessa cultura pretensamente universal.

É dessa maneira que a cultura atrelada ao Esperanto se apresenta como uma constante possibilidade de reconstrução: ela é extremamente fluida e *rizomática*, e, nesse sentido, não *recai em velhos procedimentos*, na medida em que sua mudança e atualidade se dão juntamente com as diversas culturas nacionais que a produzem e a influenciam.

William Auld, reconhecido poeta e teórico do Esperanto, trata desse agenciamento em relação à literatura: “Esperanto’s culture is that of the esperantists [...]. As esperantists, they have, in addition, the cultural wealth that belongs to them as speakers of a national language” (AULD *apud* RICHMOND, 1993). Complementando essa ideia, Vilmos Benczik dirá ainda que a literatura esperantista é marcada por diversas especificidades de culturas nacionais, e, por isso, não forma uma *comunidade cultural* coerente e coesa (BENCZIK *apud* RICHMOND, 1993), mas sim uma multiplicidade de visões e estilos.

Assim, essa cultura esperantista é formada a partir de *rastros* (DERRIDA, 1976) de diversas manifestações culturais nacionais, e, para se descobrir seus fundamentos, seria preciso seguir esses inúmeros rastros que a compõem. Daí a *heteronomia* dessa cultura, ainda segundo as ideias de Jacques Derrida: é impossível pensá-la sem considerar as vozes, visões e rastros que

a formam. Embora primordialmente produzida a partir das experiências de vida européias, progressivamente, à cultura esperantista vem sendo somados também rastros vindos de outros continentes e países. O Brasil, inclusive, exerce um importante papel nesse sentido, devido à sua relevância no mundo esperantista [10].

Nesse sentido, a ideia de *genealogia*, do filósofo Michel Foucault (1999; 2008), pode ser aplicada ao Esperanto: as experiências de vida nacionais que são reapropriadas e transpostas para o Esperanto são também espaços de saber e poder, na medida em que carregam as cosmovisões de determinadas culturas, e as veiculam com trejeitos internacionalistas. Assim, percebemos que, por ter tido uma difusão mais intensa pela Europa, o Esperanto está permeado por mais concepções européias, embora, atualmente, como já mostrado, tem também recebido forte influência de outras partes do mundo.

## 5. A experiência do nacional e do universal

Segundo o site da Liga Brasileira de Esperanto, “O Esperanto não é só uma língua, mas é um instrumento de democracia lingüística entre os povos. Saber a língua, estudá-la e difundí-la é se tornar um cidadão do mundo, preocupado com a diversidade cultural e lingüística da humanidade”.

Essa noção de *cidadão do mundo* está presente no Homaranismo, na medida em que este defende o progressivo abandono dos nacionalismos em prol de uma cultura internacional. Embora o idioma e a cultura esperantistas hoje tenham de fato rastros de diversas partes do mundo, o mesmo não se dá, como já mostrado, com essa filosofia que norteia o Esperanto.

A noção de *cidadão do mundo* indica o cosmopolitismo que o Esperanto pretende proporcionar por meio de um maior relacionamento entre diversos povos. O *cidadão do mundo* tem como principal elemento em comum com os grupos com os quais ele virá a se relacionar a capacidade de se comunicar em Esperanto. Ele compartilharia com os outros esperantistas algum conhecimento da língua e da cultura do Esperanto, e esses aspectos em comum é que estimulariam a coesão e a aproximação de diferentes grupos nacionais.

É assim que, ao buscar se afirmar como internacionalista, o Esperanto acaba se utilizando de argumentos similares àqueles presentes em movimentos nacionalistas. Homi Bhabha fala sobre “visão homogênea e horizontal associada com a comunidade imaginada da nação” (BHABHA, 1998, p.204), e é justamente uma visão homogênea e horizontal que o Esperanto pretende mostrar com sua ideia de *cidadão do mundo*, na qual as particularidades, embora reconhecidas e respeitadas, cedem importância à possibilidade de comunicação e compreensão universal (RAŠIĆ, 1994).

O movimento esperantista defende a superação de barreiras lingüísticas e culturais, mas, para isso, usa os mesmos argumentos dos movimentos nacionalistas, mostrando a multiplicidade como um todo - *apesar das diferenças, todos somos um*. Nesse caso, em uma

busca da superação dessas diferenças, o objetivo comum dos esperantistas é possibilitar a comunicação internacional por meio de uma língua “neutra” que não seja imposta. Se as línguas nacionais nos possibilitam certas experiências de vida, uma língua como o Esperanto supostamente nos permitiria uma experiência de mundo muito mais ampla. O Esperanto se afirma como internacional em oposição ao caráter nacional das outras línguas, mas, para isso, se utiliza do mesmo discurso produtor de saber e poder típico dos nacionalismos.

Assim como os movimentos nacionalistas, o Esperanto busca fazer com que o sentimento de pertencimento a uma suposta comunidade universal se sobreponha às características particulares de cada nação e abrande as diferenças entre os grupos sociais (ANDERSON, 2008). Dessa forma, ele afirma a grandiosidade e importância do todo realçando elementos supostamente comuns a todos os homens, em detrimento das diferenças existentes.

Em relação às manifestações culturais, o movimento esperantista divulga a cultura produzida originalmente em Esperanto ou traduzida para esse idioma, como forma de reforçar essa identificação com o idioma. No entanto, como já dito, essa cultura é fruto de uma mistura de diversos elementos de culturas nacionais, e acaba se manifestando como uma multiplicidade com a qual qualquer um poderá se identificar, na medida em que contém elementos de diversas culturas específicas.

## 6. Considerações Finais

Como vimos, ainda hoje o movimento esperantista está impregnado por concepções progressistas e evolucionistas típicas do século XIX, época em que o idioma e sua filosofia foram idealizados. No entanto, principalmente após a publicação do Manifesto de Praga, há uma tentativa de se atualizar os objetivos do movimento, e aproximá-lo do multiculturalismo e da democracia, hoje amplamente defendidos.

Embora aberto à sua constante reconstrução, tanto no nível lingüístico quanto cultural, o Esperanto ainda está *enraizado* em torno de uma figura: a imagem de Lazar Ludwig Zamenhof. Há um certo culto à sua imagem em encontros esperantistas, não tanto enquanto um endeusamento, mas no sentido de sua figura ser encarada com um símbolo do movimento esperantista, juntamente com a Estrela Verde e com o *Símbolo do Jubileu* - sendo este, inclusive, símbolo da união dos alfabetos latino e cirílico.

O Esperanto enquanto idioma, embora sujeito a diversos acréscimos e neologismos na atualidade, ainda é fortemente associado à imagem de Zamenhof: a obra não se tornou independente de seu criador. Apresenta-se como uma língua ligada a um sujeito. No entanto, os neologismos, acréscimos e atualizações atuam como *linhas de fuga* (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que impedem a completa fixidez do idioma.

No nível cultural - que não exclui os aspectos lingüísticos e filosóficos, já que estão todos interligados - percebemos um funcionamento mais *rizomático*, de fato inatribuível, já que essa

cultura é constantemente reconstruída por múltiplos sujeitos, de diversas partes do mundo. Esse é o principal elemento que faz do Esperanto uma experiência mais próxima das realidades de muitos daqueles que se propõe a falar o idioma.

Esse universalismo se exprime na medida em que diversas experiências e manifestações nacionais são reapropriadas pelo Esperanto e transmitidas como representações do universal. No entanto, por mais que se pretenda universal, cada cultura interpretará essa experiência supostamente universal de forma particular. Daí mais um aspecto desse agenciamento: a cultura esperantista é reinterpretada, reinventada constantemente por infinitos agentes, tanto usuários do Esperanto quanto não-esperantistas.

É interessante lembrar, como já mostrado, que o Esperanto, com o intuito de se afirmar universal, usa os mesmos argumentos dos grupos que afirmam suas identidades e particularidades nacionais. Essa promoção do idioma e da cultura esperantista se dá pela ideia de que o que nos torna humanos é superior ao que nos liga a cada idioma ou cultura particular. Portanto, espera-se que aqueles que se pretendem *cidadãos do mundo* valorizem esse universalismo, em detrimento do relativismo cultural - sem desrespeitar as culturas locais, mas as apontando como elementos secundários diante das possibilidades de comunicação a serem proporcionadas por uma língua falada internacionalmente.

Dessa maneira, o Esperanto vai buscando se consolidar como língua internacional auxiliar. Para isso, intercala uma dupla relação com questões identitárias. Por um lado, uma valorização da imagem de seu criador, uma estrutura gramatical rígida e planejada e a afirmação de uma filosofia com base em valores humanistas e universais. De outro lado, neologismos e acréscimos no idioma e uma série de elementos artísticos e culturais tipicamente ligados a diferentes grupos sociais fazem com que, nesse aspecto, o Esperanto constitua um eterno *intermezzo*, uma obra inacabada.

Em comparação com outros idiomas planejados, essa possibilidade de constante reconstrução e de adaptação de aspectos do Esperanto a diferentes realidades sociais parece ter sido seu diferencial, permitindo seu maior êxito enquanto língua planejada. Comparado a outros projetos similares de língua universal, como os já citados, o Esperanto foi o que mais conseguiu desenvolver aspectos *extralinguísticos*, e ele apostou nesses elementos como uma forma de reapropriar o nacional e apresentá-lo com ares de universal. É a partir disso que se promove o aprendizado e o uso da língua, em torno da qual o projeto esperantista pretende formar um *círculo de família* (RAŠIĆ, 1994), na qual todos se sintam parte de um todo maior, mais democrático e multifacetado. 🌀

## FIGURAS



Figura 1: Estrela Verde na bandeira do Esperanto

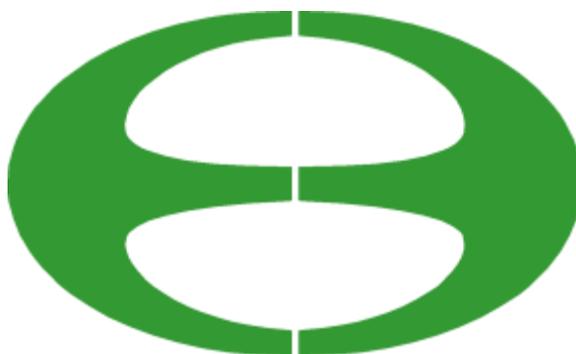


Figura 2: *La Jubilea Simbolo*



Figura 3: Lazar Ludwig Zamenhof

## NOTAS

\* Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou essa pesquisa sob orientação do Professor Doutor Jean-François Véran. Atualmente, é bolsista de Iniciação Científica do CNPq. E-mail: [guilhermefians@gmail.com](mailto:guilhermefians@gmail.com)

[1] Gostaria de agradecer a Maarten Deprez, um amigo que estuda Antropologia Social e Cultural na Vrije Universiteit Amsterdam. Ele me fez perceber, por meio de um contato pessoal e algumas conversas virtuais, como o Esperanto pode ser um tema relevante e interessante a ser estudado pela Antropologia. Agradeço também à professora Graziella Moraes da Silva (UFRJ), que revisou o meu artigo e me deu sugestões valiosas para aprimorá-lo.

[2] Apesar de o Latim ser um dos idiomas oficiais do Vaticano (ao lado do italiano) e de haver transmissões de rádio nessa língua, ele é comumente considerado uma língua morta devido ao fato de não haver mais falantes nativos desse idioma. Utilizo aqui o conceito de língua morta reproduzindo o significado que é comumente atribuído a ele, mas o uso desse termo não é consensual entre os linguistas.

[3] Interessante notar que o Esperanto, o Volapük e cerca de dez outros idiomas planejados foram criados na mesma época (1868-1910), o que mostra que a proposta de uma língua internacional era uma questão significativa naquele contexto (SANTOS, 2010).

[4] Embora sem pretender vínculos com nenhuma religião, antes de se traduzir a literatura clássica européia, a primeira obra a ser traduzida para o Esperanto foi a Bíblia Sagrada. Traduzir para essa nova língua um livro já amplamente lido seria uma forma de atrair o interesse de mais pessoas para o idioma.

[5] A TEJO é responsável ainda por organizar o *Pasporta Servo*, um serviço de intercâmbio gratuito entre esperantistas que estimula o uso desse idioma na realização de viagens nacionais e internacionais. As facilidades proporcionadas por esse serviço são alguns dos elementos que atraem mais jovens para o aprendizado do Esperanto.

[6] “La organizo defendas kulturan riĉecon de lingva diverseco, homajn rajtojn de lingvaj minoritatoj kaj tutmondan kompreniĝon per facila aliro al internaciaj kontaktoj. Uzo de Esperanto estas kadro de niaj klopodoj.” (a tradução para o português é de minha autoria).

[7] Esses preceitos são ideias particulares de Zamenhof, que não necessariamente precisariam ser vinculadas junto com o Esperanto; no entanto, podemos notar uma forte ligação entre os ideais do idioma e os preceitos do Homaranismo.

[8] O Hilelismo foi uma doutrina filosófica criada pelo rabino Hillel, e inspirou Zamenhof a idealizar o Homaranismo

[9] Como exemplos da produção literária, podemos citar as traduções da Bíblia, do Corão, de obras de William Shakespeare, Franz Kafka e José de Alencar, e as obras originalmente produzidas em Esperanto de William Auld e Marjorie Boulton, entre outros. Na música, temos grupos como Amindaj, Pafklik e Persone. No cinema, diretores como Reginaldo Cipolatti e Jacques-Louis Mahé produzem filmes com diálogos nessa língua. No teatro esperantista, temos ainda nomes como Julio Baghy e Paul Gubbins.

[10] Segundo o *site* da UEA, o Brasil é ainda um dos países fora da Europa com maior número de falantes do idioma, ao lado de China, Japão, Madagascar e Cuba. A relevância do Brasil nesse meio também se deve à Fazenda-Escola Bona Espero, um internato que educa e abriga crianças carentes e em situação de risco encaminhadas pelo Ministério Público no interior de Goiás. A Fazenda-Escola oferece às crianças, além das matérias tradicionais, aulas de Esperanto, e é custeada principalmente por pessoas e entidades ligadas ao movimento esperantista. A formação e o funcionamento de Bona Espero são explicados por meio de entrevistas na obra de Roman Dobrzyński (2008).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CID, Emílio; PIMENTA, Marcos. **Opinio** - Comentários de Carlos Heitor Cony. Disponível em <<http://www.geocities.ws/esperanto10/arquivos/contraponto/redatores.htm>> Acesso em 06 dez. 2011

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil **Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas. In: MACKSEY, Richard; DONATO, Eugenio (Orgs.). **A Controvérsia Estruturalista**. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

DOBZYŃSKI, Roman. **Bona Espero: idealo kaj realo**. Bratislava: Stano Marček, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HARLOW, Donald. **The Esperanto Book**. 1995. Disponível em: <<http://donh.best.vwh.net/Esperanto/eaccess/eaccess.book.html>> Acesso em 07 dez 2011

\_\_\_\_\_. **Essay (hopefully long) about auxiliary languages**. AuxLang mailing list post, 7 January 2006. Disponível em <<http://listserv.brown.edu/archives/cgi-bin/wa?A2=indo601a&L=auxlang&P=13620>> Acesso em 08 dez. 2011

MODAN, Doron. Esperanto kiel araba-juda lingvo de paco, 1924-1948. In: D. Blanke. D. & U. Lins (red.). **La arto labori kune: Festlibro por Humphrey Tonkin**. Rotterdam: Universala Esperanto-Asocio. (PP.473-480), 2010.

PEIRANO, Mariza. A antropologia como ciência social no Brasil. In: **Etnográfica**, Vol. IV (PP. 219-232), 2000.

RAŠIĆ, Nikola. **La Rondo Familia: sociologiaj esploroj en Esperanto**. Pisa: Edistudio, 1994.

RICHMOND, Ian M. **Aspects of Internacionalism: Language & Culture**. Lanham: University Press of America, 1993.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Uma resposta à questão do Esperanto como proposta de língua universal sob a ótica da problemática das identidades. **Revista de Letras**. 13ª Edição. Curitiba: DACEX/UTFPR, 2010.

SARTORATO, Aloísio. **Esperanto para principiantes**. Brasília: Liga Brasileira de Esperanto, 2008.

ZAMENHOF, Lazar Ludwig. **Plibonigita kaj plikompletigita eldono de dogmoj de Hilelismo**. 1906. Disponível em: <<http://tekstaro.com/prenitutantekston.pl?nomo=homaranismo-1906&konkretajsignetoj=1>> Acesso em 07 dez. 2011

\_\_\_\_\_. Homaranismo. In: **Homaro**. Madri: L' Comercio, 1913.

\_\_\_\_\_. **Paroladoj de Zamenhof**. Leipzig: Ferdinand Hirt & Sohn, 1929.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

**Akademio de Esperanto**. Disponível em: <<http://www.akademio-de-esperanto.org/index.html>> Acesso em 10 dez. 2011

**Tutmonda Esperantista Junulara Organizo (TEJO)**. Disponível em: <<http://www.tejo.org/eo>> Acesso em 11 dez. 2011

**Universala Esperanto-Asocio**. Disponível em <<http://www.uea.org/>> Acesso em 11 dez. 2011

**Manifesto de Prago**. Disponível em <[http://www.uea.org/informado/pragm/pm\\_eo.html](http://www.uea.org/informado/pragm/pm_eo.html)> Acesso em 13 dez. 2011

**Zamenhof.net: Bio, Pictures & Quotes.** Disponível em:  
<<http://www.asgard.ie/zamenhof.net/pictures.php>> Acesso em 14 dez. 2011.

**Jubilea Simbolo.** Disponível em:  
<[http://eo.wikipedia.org/wiki/Dosiero:Jubilea\\_simbolo.png](http://eo.wikipedia.org/wiki/Dosiero:Jubilea_simbolo.png)> Acesso em 14 dez. 2011.